

“CUIDART: PREVENINDO A VIOLÊNCIA CONTRA CRIANÇAS, MULHERES E ADOLESCENTES”, UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NA PERSPECTIVA DE UMA MULHER NEGRA ESTUDANTE DE ENFERMAGEM

KIARA TEIXEIRA PINHEIRO¹; ADRIZE RUTZ PORTO²; MARINA SOARES MOTA³

¹Universidade Federal de Pelotas – kiaratp2001@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – adrizeporto@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – msm.mari.gro@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A violência é definida como uso proposital de força física ou poder em ameaça ou em ação, contra si próprio, outra pessoa, um grupo ou uma comunidade que resulte ou potencialmente possa resultar em sofrimento, morte, dano psicológico, lesão no desenvolvimento ou privação (OMS, 2002). É notório que em momentos de crise acentuam-se as violências sofridas pelas minorias sociais, como crianças, adolescentes e mulheres junto aos recortes de gênero, raça e classe. Em consonância, evidencia-se também que momentos de crise climática tornam ainda mais evidentes as desigualdades sociais, tendo em vista que eventos climáticos, como enchentes, afetam, principalmente, populações marginalizadas em condições precárias de acesso à saúde e moradia de qualidade.

Nesse sentido, destaca-se a ocorrência de casos de abuso contra crianças, mulheres e adolescentes nos abrigos em funcionamento durante a catástrofe climática histórica vivida no Estado do Rio Grande do Sul no mês de maio do ano de 2024. Frente a essa realidade, o projeto de extensão Coletivo Hildete Bahia: Diversidade e Saúde da Faculdade Federal de Pelotas desenvolveu em conjunto com o projeto de extensão Promoção à Saúde na Primeira Infância, integrantes do Centro de Ação Social, Cultural e Educacional ODARA e do Diretório Acadêmico Anna Nery (DAAN) a ação “CuidArt: Prevenindo a violência contra crianças, mulheres e adolescentes” com o intuito de escutar, acolher e proporcionar momentos de cuidado a esses grupos minoritários frente ao contexto de crise climática.

Assim, este relato traz a vivência e a percepção de uma mulher negra, estudante do 5º semestre do curso de enfermagem da Faculdade Federal de Pelotas e integrante do Coletivo Hildete Bahia: Diversidade e Saúde.

2. METODOLOGIA

Foram construídos três planos de atividade, cada um com enfoque direcionado a um dos três grupos alvo, nos quais continham a identificação das professoras e acadêmicas participantes, objetivo, metodologia, materiais utilizados e plano de desenvolvimento das atividades. A realização da ação deu-se no período entre os meses de maio a junho de 2024, por meio de rodas de conversas com momentos expositivos-dialogados, associando estratégias didáticas lúdicas com o grupo das crianças e dos adolescentes, acrescentando dinâmicas de promoção de autocuidado junto ao grupo das mulheres. Esta ação teve sua execução realizada por integrantes do projeto de extensão Coletivo Hildete Bahia, do projeto de extensão Promoção à Saúde na Primeira Infância,

integrantes do Centro de Ação Social, Cultural e Educacional ODARA, do DAAN e da Frente Feminista 8M Pelotas.

Ao todo foi realizada a atividade em três abrigos, sendo um em espaço institucional da UFPEL, outro em uma igreja e por fim um no espaço de uma escola pública. Com a atividade, abordou-se em média xx pessoas. Sendo assim, com o grupo das crianças, o objetivo da ação tratou de, a partir do ciclo da prevenção, observar, ensinar, orientar e notificar os possíveis casos de violência, educar crianças para prevenção/autoproteção de situações de violência infantil. Para isso, foram utilizados materiais lúdicos-expositivos como os vídeos “Meu corpinho é meu” e “Eu amo meu corpinho”, 2 bonecos negros com discos autocolantes nas cores verde, amarelo e vermelho para a realização da atividade da sinaleira do toque e folhas com desenhos para colorir na mesma temática.

Ainda nesse sentido, com o grupo das mulheres, o objetivo da ação tratou de discutir os diferentes aspectos da violência exercida contra as mulheres, estimulando a prática do autocuidado e a autoestima. Para isso, foram realizadas rodas de conversa com momentos expositivo-dialogados associando dinâmicas de promoção do autocuidado, por meio da prática coletiva e instruída de automassagem com creme hidratante, atividade visual com espelhos e ambiência a partir da utilização de um aromatizador de ambiente e caixa de som com reprodução de músicas relaxantes.

Por último, com o grupo dos adolescentes, o objetivo da ação tratou em educar adolescentes acerca da prevenção/autoproteção de situações de violência. Para isso, foram realizadas roda de conversa com momentos expositivo-dialogados associando estratégias didáticas lúdicas, por meio da atividade de construção de um personagem fictício com atribuições físicas, emocionais e psicossociais de acordo com a criatividade e percepção de cada grupo de adolescentes. Ademais, vale destacar que após a realização de cada atividade foram distribuídos materiais adesivos em diferentes áreas de convivência dentro de cada abrigo com o intuito de propagar as informações acerca da temática da violência, formas de prevenção e meios seguros de busca por ajuda.

3. RELATOS E IMPACTOS GERADOS

Embora ocorram com frequência, as violências cometidas contra mulheres, adolescentes e crianças ainda são pouco visibilizadas e debatidas perante a sociedade, sendo compreendidas, na maioria das vezes, como problema individual da pessoa violentada, o que reflete na escassez de informações sistematizadas sobre o assunto no país (VIANA *et al.*, 2022). Ademais, se analisamos situações de abuso com um olhar permeado pelo conceito da interseccionalidade, notamos que a existência de diferentes marcadores sociais tornam alguns grupos mais vulneráveis à violência (FEIJÓ, GOMES, 2018), conforme o gênero, a raça e a classe.

Nesse sentido, a interseccionalidade é compreendida como uma ferramenta teórica e metodológica que traz como intuito a compreensão da inseparabilidade estrutural do racismo, do capitalismo e do cisheteropatriarcado (AKOTIRENE, 2019). Nessa lógica, por meio da ação realizada nos abrigos, notou-se que, de fato, a população mais vulnerabilizada compreende também o grupo de pessoas mais violentadas, sendo elas, em sua grande maioria, mulheres

negras, chefes de família. Logo, destaca-se a importância de entender a violência para além da agressão física e moral, compreendendo-a também através da organização estrutural excludente dos sistemas e das instituições que permeiam a sociedade.

Nessa perspectiva, ouvimos o relato das mulheres acerca do sentimento de solidão frente às violências sofridas, sendo elas a violência sexual cíclica enfrentada dentro de suas próprias famílias, o processo solitário do maternar e a frustração perante a falta de oportunidades em busca de desenvolvimento pessoal e profissional. Nesse sentido, percebe-se não só o sofrimento desse grupo frente a violência, mas também do grupo das crianças e dos adolescentes em situação de vulnerabilidade, tendo em vista que sofrem também, além das violências físicas e morais, maior carência de atenção e de oportunidades, afetando assim o seu crescimento e desenvolvimento.

Ademais, destaca-se a importância da rede de apoio construída por esse grupo de mulheres perante as dificuldades enfrentadas não só em decorrência das enchentes, como o sentimento de sofrimento ao ver os filhos expostos a situação de abrigo e estresse, mas também e, principalmente, devido a falta de assistência diária fora desse contexto climático. Nesse sentido, compreende-se a organização da comunidade como ferramenta na busca pela garantia da sobrevivência humana e espaço para a construção de uma comunhão amorosa (hooks, 2021)¹.

Tendo isso em vista, notou-se quão significativa foi a nossa escuta e realização das atividades durante a ação, propiciando não só acolhimento, mas também fortalecimento da autoestima desses grupos. Além de ter sido de grande valia também para nós, como futuros profissionais da área da saúde, ao tornar explícito e reafirmar a importância da integralização do cuidado aos indivíduos.

Por fim, destaco a importância de vivenciar essa atividade durante a minha construção acadêmica, principalmente, por entender que a minha presença como mulher negra nesses espaços impacta diretamente a vida e o cotidiano dessas outras mulheres negras em condição de vulnerabilidade, tendo em vista que, para além da representatividade, posso ser vista como meio para a construção de um espaço seguro de escuta e acolhimento. Além disso, entendo como importante destacar que embora compartilhe semelhanças em relação a essas mulheres, vivo uma realidade diferente das mesmas, o que me entristece e, ao mesmo tempo, me motiva ainda mais a lutar na busca da construção de uma sociedade com maior equidade que enxergue os indivíduos e todas as suas interseções.

4. CONSIDERAÇÕES

Evidencia-se então, por meio dessa ação e da minha perspectiva como mulher negra e estudante da área da saúde, a necessidade de maior atenção à temática da violência, principalmente, quando relacionada ao grupo de crianças, mulheres e adolescentes junto às suas interseccionalidades de raça, gênero e classe. Além disso, destaca-se não só a importância dos profissionais da área da saúde na discussão acerca dessa temática, mas também e, principalmente, da sociedade civil em geral na luta pela construção de um sistema mais justo e equitativo. Ademais, ressalta-se a urgência em abordar essa questão dentro dos

¹bell hooks é o pseudônimo escolhido por Gloria Jean Watkins em homenagem à sua bisavó materna, Bell Blair Hooks. O pseudônimo, grafado em letras minúsculas, trata-se de um posicionamento político da autora em recusa ao ego intelectual.

espaços acadêmicos, com o intuito de formar profissionais críticos quanto à estrutura e organização do corpo social e atento às singularidades e intersecções de cada conjunto.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AKOTIRENE, C. Interseccionalidade. São Paulo: Pólen; 2019.

FEIJÓ, V. P. C.; GOMES, D. S. de C. Violação dos direitos humanos via discriminação: um panorama da violência pelo viés da interseccionalidade. **Revista Digital Constituição e Garantia de Direitos**, [S. l.], v. 11, n. 1, p. 277–292, 2018. DOI: 10.21680/1982-310X.2018v11n1ID15201. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/constituicaoegarantiadedireitos/article/view/15201>. Acesso em: 20 set. 2024.

HOOKS, bell. Tudo sobre o amor: novas perspectivas. São Paulo: Editora Elefante, 2021.

VIANA, V. A. O. et al. Tendência temporal da violência sexual contra mulheres adolescentes no Brasil, 2011-2018. **Ciência & Saúde Coletiva** [online]. v. 27, n. 06, p. 2363-2371, 2022. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/141381232022276.14992021>>. ISSN 1678-4561. <https://doi.org/10.1590/1413-81232022276.14992021>. Acesso em: 20 set. 2024.

World Health Organization (WHO). World report on violence and health. Geneva: WHO; 2002. Online. Disponível em: <https://www.who.int/publications/i/item/9241545615>. Acesso em: 20 set. 2024.